

Entrevistador 1: Já veio direto da Europa pra cá?

Entrevistado 2: (inint 00:07) meu pai. Quer que chama ele?

Entrevistador 1: Uai, se o senhor quiser, ótimo.

Entrevistado 2: Que é ele mesmo...

Entrevistado 3: Nem sei se o pai dele chegou...

Entrevistado 2: Acho que o pai dele, o avô dele.

Entrevistado 3: É, o avô dele.

Entrevistador 1: Mas aí não deve ter vindo aqui, direto pra São Roque... Deve ter vindo pra outro canto primeiro, né?

Entrevistado 3: É.

Entrevistador 1: Como é que o nome do senhor?

Entrevistado 2: Meu é Nelson.

Entrevistador 1: Nelson...?

Entrevistado 3: (inint 00:31; diz o nome)

[chega mais pessoas]

Entrevistador 1: Olá!

TODOS: Boa tarde.

Entrevistador 1: Boa tarde! Eu sou Liliane e a Giovane e esse é o Elton. A gente tá fazendo um trabalho sobre os pomeranos no Espírito Santo. Aí a gente queria saber, assim, as histórias que o senhor tem pra contar sobre os pomeranos daqui.

Entrevistado 4: he-he-hehe

Entrevistador 1: he-he-hehe... Aí, primeiro o nome do senhor. Como é que o senhor chama?

Entrevistado 4: Alfredo.

Entrevistador 1: Alfredo?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: Seu Alfredo... é (inint 01:07). E aí, seu Alfredo, a família do senhor chegou aqui quando? Quem que veio? Foi o avô do senhor?

Entrevistado 4: Ah, assim... os veio, meus avô, vieram da Alemanha né?

Entrevistador 1: da Pomerana mesmo?

Entrevistado 4: É. Meu pai já nasceu aqui no Brasil, né.

Entrevistador 1: Ele nasceu onde?

Entrevistado 4: Ele nasceu aqui. Não é isso?

Entrevistado 2: É. Seu pai nasceu aqui.

Entrevistado 4: Não sei lugar não. Aqui (inint 01: 37)

Entrevistador 1: Ah, Santa Maria de Jetibá.

Entrevistado 4: Acho que sim. Porque o povo de lá vinha tudo pra Santa Maria de Jetibá.

Entrevistado 3: Lá era o centro né? Todo mundo chegava lá...

Entrevistador 1: Mas aí como é que chamava o pai do senhor?

Entrevistado 4: Meu pai?

Entrevistador 1: Isso.

Entrevistado 4: (inint 01: 58)

Entrevistador 1: Germano?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: E o avô do senhor?

Entrevistado 4: Chamava Carlos. Carlos (inint 02:09; diz o sobrenome).

Entrevistador 1: E a avó?

Entrevistado 4: Eu... agora eu... termino com esses aí...

Entrevistador 1: tá certo. Mas então, o seu Carlos, que era avô do senhor, veio da Pomerana e foi parar em Santa Maria do Jetibá?

Entrevistado 4: Uhum.

Entrevistador 1: Aí de Santa Maria do Jetibá que eles vieram pra cá?

Entrevistado 4: É, eles vieram pra cá.

Entrevistador 1: Mas pra cá mesmo, pra Tancredinho?

Entrevistado 4: Não. Eu mesmo nasci lá no (inint 02:34) lá na berada daquela Pedra lá.

Entrevistador 1: Como é que chama lá?

Entrevistado 4: Tancredo.

Entrevistador 1: Ah, Tancredo. E depois que vieram pra cá?

Entrevistado 4: É. Depois minha mãe e meu pai morreram, então eu... depois fiquei com meu irmão, depois me casei e de lá de Tancredo, eu vim pra cá.

Entrevistador 1: Uhum. E aí... aí lá em Tancredo, eles plantavam café também?

Entrevistado 4: É. Café, milho, arroz.

Entrevistador 1: E como é que foi? Quando chegou em Santa Maria do Jetibá recebeu a terra, lá em Santa Maria do Jetibá?

Entrevistado 4: Agora não sei se meu pai... se eles compraram lá. Eu sei que aqui em Tancredo o (inint 03:31) do meu pai comprou, né. Depois ele avendeu e vinha tudo pra São Paulo também né. Mas depois ele já vinha gente de lá de volta, então ele ficou aí, foi aqui em Pontalo, Santa Joana, mas depois ele voltou e comprou aqui no Tancredo outra vez e lá morreu.

Entrevistador 1: Ah tá. Porque que ele queria ir pra São Paulo?

Entrevistado 4: É porque o povo... inventou de que ele morava lá. E depois esses que já foram pra lá, já vinha tudo de volta... e depois ele...

Entrevistado 2: Já não era tão bom assim mais, né?

Entrevistado 4: E depois ele comprou em Tancredo e lá morreu.

Entrevistador 1: Não quiseram ir pra Rondônia?

Entrevistado 4: Não, aquela época ninguém falava nada de Rondonha não. Ninguém sabia e conhecia não.

Entrevistador 1: Rondônia é mais recente? Tem menos tempo?

Entrevistado 4: Ah é.

Entrevistador 1: E ces fala pomerano em casa?

Entrevistado 4: Eu falo...

Entrevistado 3: Eu mesmo não sei nada.

Entrevistado 4: Meus fio, eles falava mas hoje já é casado com católico e tudo

Entrevistado 3: Misturou a raça.

Entrevistador 1: Aham.

Entrevistado 4: Pouco eles fala .

Entrevistador 1: E o senhor sabe a língua alta também?

Entrevistado 4: Eu entendo, mas nós não fala muito aqui não, né(rsrs).

Entrevistado 3: Em Santa Maria é mais alta né?

Entrevistador 1: Não... lá tem mais pomerano, tem bastante pomerano.

Entrevistado 4: É... lá tem, tem.

(trecho inint 05:13 – 05:20)

Entrevistado 3: Porque misturou a raça, né, os alemão misturou junto com os italiano... já perderam a tradição...

Entrevistador 1: Uhum... Mas então ninguém aprendeu... cê não fala pomerano?

Entrevistado 3: Não, não falo.

Entrevistador 2: Mas também não aprendeu italiano?

Entrevistado 3: Não.

Entrevistado 4: quando casou...

Entrevistador 1: Mas o casamento do senhor foi aquele casamento tradicional pomerano que dura três dias...

DS: é he-he-hehe-he-he

Entrevistador 1: A esposa do senhor casou de preto?

Entrevistado 4: hein?

Entrevistador 1: A esposa do senhor casou de preto?

Entrevistado 4: Não, não!

Entrevistador 1: A roupa dela. Foi roupa branca?

Entrevistado 4: Branca.

Entrevistador 2: Mas teve quebra louça?

Entrevistado 4: Não. Isso antigamente tinha muito, usava muito, né, mas... fazia um casamento grande (inint 06:17), diabo a quatro, né... agora, com eu era pobre... eu tinha cinco anos quando minha mãe morreu, meu pai morreu eu tinha sete anos né, depois eu fiquei com meu irmão, fui um ano pra Vitória e voltei e me casei...

Entrevistador 1: Aí o senhor recebeu a terra do seu pai e dividiu com seu irmão?

Entrevistado 4: Não, dois irmão que lá ficaram com as duas colônias, eu só recebi dois conto, mais nada.

Entrevistador 1: Não recebeu terra?

Entrevistado 4: Não. Eu quis trabalhar e comprar, né... he-he-hehe-he-he

Entrevistador 1: Ces eram em quantos irmãos?

Entrevistado 4: Nós eram em cinco homem e duas mulher.

Entrevistador 1: Então o senhor era mais novo?

Entrevistado 4: Dos homens eu era o mais novo, agora tem uma irmã, que ela mora em Vitória, que ela é mais nova... que a minha morreu ela tinha três semanas, né,

A e Entrevistador 2: Nossa!

Entrevistado 4: Minha tia lá criou ela, né, hoje ela mora em Vitória.

Entrevistador 1: E os irmãos do senhor é Vitória e onde tem mais?

Entrevistado 4: Tá tudo embaixo do chão. he-he-hehe

Entrevistador 1: Ah, eles todos faleceram?! Nossa senhora...

Entrevistado 4: Só tem uma...

Entrevistador 1: que mora lá...

Entrevistado 4: é a mais nova em Vitória.

Entrevistador 1: E eles todos morreram aqui?

Entrevistado 4: Não...

Entrevistado 3: Um morreu em Rondônia...

Entrevistado 4: meu irmão morreu em Rondônia e outro em Santa Maria.

Entrevistador 1: E aí quando reunia todo mundo, todo mundo falava em pomerano?

Entrevistado 4: é... claro que assim, né,

Entrevistador 1: E o senhor teve quantos filhos?

Entrevistado 4: oito.

Entrevistador 1: E aí quando reúne eles junto com o senhor, aí todo mundo conversa em pomerano ou não?

Entrevistado 4: primeiro, quando era novo, todo mundo conversava, né, pouco conversava em brasileiro.

Entrevistador 1: Mas sabia falar? Ou não? Em brasileiro?

Entrevistado 4: Sim, desde pequeno, eu tinha sete, oito anos eu já falava né, ensinava meu pai... ... o (inint 08:45) também tinha filho...

Entrevistador 1: E aprenderam com os colega...

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: Aprendeu na escola ou aprendeu no terreiro?

Entrevistado 4: Ah, no terreiro(rsrs).

Entrevistador 1: E o senhor chegou a ir pra escola pra aprender língua alta ou o senhor aprendeu português na escola?

Entrevistado 4: Só português... naquela época não tinha mais... eu fui na... foi uma ano e três meis que foi na escola de alemão, né, mas depois a Alemanha perdeu a guerra e não podia mais...

Entrevistador 1: Não podia mais?

Entrevistado 4: Não.

Entrevistador 1: Mas aí chegou a vim gente aqui pra proibir?

Entrevistado 4: Antigamente, lá, sim, né... tinha gente que até (inint 09:35) castigava um pouco, né...

Entrevistador 1: Como assim?

Entrevistado 4: Não sei, porque tinha um professor, lá em Tancredo... ele era preto mesmo, né... ele era professor bom... sabido, né, mas não gostava de alemão

Entrevistador 1: Ah...

Entrevistado 4: é o finado Jorge (inint 10:00 – 10:09)...he-he-hehe-he-he

Entrevistador 1: Nossa senhora... por medo ou porque ele apanhou mesmo?

Entrevistado 4: Não chegaram a bater não... tomaram raiva, né... ... antigamente todo mundo tinha uma espingardinha aí... hoje quase ninguém tem uma espingarda...

Entrevistador 1: Como é que era nome do que tomou veneno? Eu não guardei

Entrevistado 4: (inint 10:37)

Entrevistador 1: Schrock? (verificar 10:39)

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: Aí ele deixou filho pequeno?

Entrevistado 4: Não. A família dele já tava tudo criada né...

Entrevistador 1: Assim, mas será por que que ele chegou a tomar veneno?

Entrevistado 4: Ah, porque, eu não sei... aquela época, então que nem aquele professor, ele não gostava de coisa alemão, né... (inint 11:17) ele botou na ideia e bebeu veneno e morreu.

Entrevistador 1: E mais gente também sofreu assim?

Entrevistado 4: Não, assim não. Era o Jorge (inint 11:39) e o Schrock, e os outros... por fora eu não sei, mas aqui... os dois que foi... assim... (inint 11:53)

Entrevistador 1: O senhor casou também com uma pomerana?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: De que família?

Entrevistado 4: (inint 12:03)

Entrevistador 1: E o casamento do senhor como é que foi? Teve o convidador... ele, eh...

Entrevistado 4: Não(rsrs), eu era... no dia de casar eu não fiz festa, não fiz nada... não tinha condições e então...

Entrevistador 1: Aham. Mas o senhor participou de algum casamento os três dias, aqui na região?

Entrevistado 4: Quando eu era mais pequeno, sim.

Entrevistador 1: Como é que era o primeiro dia?

Entrevistado 4: O primeiro dia a gente começava, matava boi, fazia linguiça, né, e (inint 12:44) pa diabo... he-he-hehe... ... e na sexta-feira sempre (inint 12:53)

Entrevistador 1: Mas aí no dia antes tinha baile?

Entrevistado 4: Não

Entrevistador 1: Na quinta-feira?

Entrevistado 4: Só umas hora... e então nós pegava aquelas bacia, nós jogava no chão(rsrs)...

Entrevistador 1: E aí tinha caneca, tinha prato... pra quebrar?

Entrevistado 4: É, sim.

Entrevistador 1: E o que que falava a hora que quebrava a louça?

Entrevistado 4: Tinha uma cantiga que...

Entrevistador 1: Senhor sabe falar pra gente?

Entrevistado 4: Não, isso eu não sei(rsrs).

Entrevistador 1: Então no primeiro dia: matava o boi, fazia linguiça, fazia brote

Entrevistado 4: fazia (inint 13:49)... então na sexta voltava a almoçar, quando todo mundo acabou dava um toque lá... a noiva tem que dançar com o homem e o noivo com as mulher, né, só dá uma volta assim, né... depois, de noite, na sexta de noite dançava... aí dançava a noite toda

Entrevistador 1: E aí quando ia dançar com a noiva ganhava um trago?

Entrevistado 4: É... os tocador tava assim num canto... quer dizer, os homem então tinha que pegar a pratinha e tomava um gole he-he-hehe-he-he... e pegava dois cigarros pra fumar

Entrevistador 1: E as mulheres só dançavam com o noivo? Ou também tomavam uma?

Entrevistado 4: As mulher não(rsrs).

Entrevistador 1: E aí era assim a noite inteira? Ou tinha uma parte que era a música dos noivos e aí depois todo mundo dançava com todo mundo, como é que era?

Entrevistado 4: Quando chegava da igreja, né, quando eles quebrava a louça toda, né, tinha uma cantiga, um toque só pros noivo, né...

Entrevistador 1: Mas aí tocava só na concertina?

Entrevistado 4: Concertina

Entrevistador 1: E tinha uma música especial só pra isso?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: E aí depois a noiva ia dançar com o pessoal aí tinha outra música? Ou era igual?

Entrevistado 4: Não, aquilo ali depois era igual

Entrevistador 1: E aí dançava até amanhecer?

Entrevistado 4: Uhum.

Entrevistador 1: Devia ter cachaça à vontade, né?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: Até de manhã?

Entrevistado 4: Até de manhã.

Entrevistador 1: E no casamento que o senhor foi, o senhor bebeu muito?

Entrevistado 4: Não... não

TODOS: he-he-hehe-hehe

Entrevistado 4: eu era menino... bebi, eu bebi... provei aquele vinho... doce, né?

Entrevistador 1: Aí a criança podia tomar vinho?

Entrevistado 4: Podia sim.

Entrevistador 1: Schnaps não?

Entrevistado 4: Não(rsrs).

Entrevistador 1: E aí no sábado ainda tinha festa?

Entrevistado 4: Tinha essa turma aí... he-he-hehe....

Entrevistador 1: Fazia o enterro dos outro?

Entrevistado 4: É(rsrs).

Entrevistador 1: E aí como é que era depois, no sábado? Essa turma que ficava fazendo o quê? Bebendo mais e que mais?

Entrevistado 4: Enquanto tinha, eles bebia, né...

Entrevistador 1: Enquanto tinha bebida eles ficavam lá?

Entrevistado 4: É...

Entrevistador 1: No dia da festa tinha jantar ou tinha brote com linguiça?

Entrevistado 4: De manhã cedo, o povo ia pra lá, tomava café e pão com linguiça, depois ia pra igreja e voltava, aí era almoço...

Entrevistador 1: Galinha?

Entrevistado 4: É, galinha...

Entrevistador 1: Porco?

Entrevistado 4: Porco...

Entrevistador 1: Quê mais?

Entrevistado 4: E batatinha, macaron, tudo que tinha...

Entrevistador 1: E de noite, durante o baile?

Entrevistado 4: Quando que acabava meia noite era pão com café, manteiga, comia o tanto que quisesse, né...

Entrevistador 1: Então não tinha janta de novo não, né?

Entrevistado 4: Não, depois que acabou que de almoçar...

Entrevistador 1: Não, de noite, de noite.

Entrevistado 4: De noite tinha pão com café, linguiça, tudo tinha, né...

Entrevistador 1: E tinha o mastro também? A bandeira?

Entrevistado 4: Tinha, tinha. Todo casamento grande, eles caçavam o varão mais alto que tinha, botava a bandeira e...

Entrevistador 1: Só a bandeira?

Entrevistado 4: Bandeira, umas duas garrafas de cado lado e no sábado de manhã, eles traz um revólver...

Entrevistador 1: E o senhor já ajudou a achar esse varão alto na mata?

Entrevistado 4: Não, eu não, he-he-hehe

Entrevistador 1: Mas tentou derrubar, pelo menos?

Entrevistado 4: Não, he-he-hehe

Entrevistador 1: Era difícil de derrubar?

Entrevistado 4: Ah, um pouco era difícil, mas algum acertava, né?

Entrevistador 1: E aí levava a garrafa?

Entrevistado 4: Não, a garrafa (inint 18:57)

Entrevistador 1: hahahaha... Agora não era só no alto do mastro que tinha bandeira. As pessoas também carregavam bandeira na hora da festa?

Entrevistado 4: Não.

Entrevistador 1: No que vinha da igreja pra casa não tinha bandeira?

Entrevistado 4: Bandeira levantava num dia antes...

Entrevistador 1: Mas bandeirinha não tinha também?

Entrevistado 4: Não... só o pessoal da família assim... tudo tinha um... um (inint 19:36) pra bota, né...

Entrevistado 3: um crachá, né?

Entrevistador 1: E como é que era esse emblema?

Entrevistado 4: Era uma fita, né, que botava...

Entrevistador 1: Ah, sei... uma fita de cetim?

Entrevistado 4: Hoje em dia tende, né... vermelho, verde, amarela...

Entrevistador 1: E quem usava a fita vermelha, fita amarela, fita verde...

Entrevistado 4: Não tinha nada a ver não, né...

Entrevistador 1: Quem gostasse mais da cor ficava com aquela cor...

Entrevistado 4: É, isso mesmo

Entrevistador 1: Mas todo casamento começava com o irmão da noiva convidando?

Entrevistado 4: É, uhum. Ah... sempre ia na casa do parente, assim, e vinha com o paletó tudo enfeitado de fita, de lenço... então ele ia casa por casa convidando e com a garrafinha... então, ele chegava não dava bom dia nem boa tarde, ele entrava dava uma volta e rezava também um tinha uma reza... (inint 21:05)

Entrevistador 1: hahahaha... Fala de novo.

Entrevistado 4: grosse Schlüssel und wenig Essen [*acredito que seja algo muito próximo disso, embora ele esteja fazendo uma brincadeira pelo que me pareceu*]

Entrevistador 1: E ele falava só isso?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: Isso queria dizer o que?

Entrevistado 4: hahahahaha

Entrevistador 1: Agora o senhor vai ter que falar...

Entrevistado 4: Bacia grande e pouca comida... hahaha

Entrevistador 1: hahahaha

Entrevistado 3: Era tudo uma brincadeira... hahaha

Entrevistador 1: Que mais ele falava além disso? Aí ele já entrava, dava volta e a reza o que quê falava a reza?

Entrevistado 4: Hoje eu não sei mais não, mas antigamente eu sabia...

Entrevistador 1: Aí o dono da casa tomava um gole?

Entrevistado 4: Ele tinha uma garrafinha... um... hoje até tem também, né... um (inint 22:28) assim na boca né, pegava e tomava uns golinhos e dava uma tapinha pro...

Entrevistador 1: Entendi. Se ele tomasse um gole é porque tava confirmado de ir na festa?

Entrevistado 4: Isso.

Entrevistador 1: Senhor não lembra então a oração, não?

Entrevistado 4: Não.

Entrevistador 1: Ah, que pena, seu Alberto... que pena! Aí, seguinte: a família do senhor, então, trabalhava todo mundo na roça. Os pais do senhor morreram, então, o senhor era muito novo, né... qual a idade do senhor?

Entrevistado 4: Eu, agora, no dia 11 de setembro vou fazer 88.

Entrevistado 3: Quem dera nós chegar na idade dele...

Entrevistador 1: É, ué...

Entrevistado 4: he-he-he

Entrevistador 1: Mas aí então o senhor ficou morando com o irmão do senhor?

Entrevistado 4: É, porque... o mais velho (inint 23:34) foi embora e depois ficou eu, Carlin, Rodolfo e Emílio. Eu fiquei com Rodolfo, Emílio ficou com Carlin... e mas o Emílio também com poucos dias saiu foi trabalhar fora, né, trabalhando pros outros... depois ele casou, foi pro norte e lá ele morreu...

Entrevistador 1: Mas aí como é que era... é o Rudolfo que o senhor ficou na casa dele?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: E ele, ele já era casado?

Entrevistado 4: Era.

Entrevistador 1: E ele casado com uma pomerana também?

Entrevistado 4: Guilhermina.

Entrevistador 1: Qual era o sobrenome?

Entrevistado 3: Radinz. R-A-D-I-N-Z... Fala muitas vezes é Radunz, né?

Entrevistador 1: Ah, então o i tem som de u, às vezes?

Entrevistado 4: Tem um senhor aqui que ele botava o nome dele só Radunz...ele mesmo fala que o nome dele o certo é Radunz. *[no alemão, embora não seja pomerano, o ï tem som de i. Uma hipótese do que pode ter acontecido é que como se falava Radinz, o sobrenome que era Radünz, passou a ser Radinz. E por esse motivo o senhor pode estar corrigindo, já que, originalmente, era com ü]*

Entrevistador 1: Era u com trema? Um u misturado com i... ..rs... E aí cada pessoa tinha o seu animal? Como que era?

Entrevistado 4: Antigamente, sim, né... todo colono tinha um animal dele, né...

Entrevistador 1: Um burro ou um cavalo?

Entrevistado 4: Mais era burro... e cavalo...

Entrevistador 1: Desde os mais pobres até os mais ricos, cada um fazia pra ter o seu animal ?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: Entendi. E como é que era o trabalho?

Entrevistado 4: Trabalho era só na (inint 25:44), né...

Entrevistador 1: Pois é, mas aí tinha milho, tinha arroz?

Entrevistado 4: Tinha café, tinha milho, tinha arroz, mandioca...

Entrevistador 1: Ah não ser o café, o resto era pra dentro de casa mesmo... ou vendia?

Entrevistado 4: Café vendia.

Entrevistador 1: E os outros?

Entrevistado 4: Bem pouco.. alguns que vendia

Entrevistador 1: O senhor ficou então com o irmão do senhor, aí o senhor ficou ajudando ele na roça?

Entrevistado 4: É.

Entrevistador 1: Mesmo sendo novinho, o senhor ajudava?

Entrevistado 4: Ajudava.

Entrevistador 1: Com sete, oito anos que que o senhor fazia?

Entrevistado 4: Capinava, panhava café, quebrava milho...

Entrevistador 1: Com oito anos o senhor já capinava lá?

Entrevistado 4: Já.

Entrevistador 1: Devia ser difícil, né? Ou o senhor queria brincar?

Entrevistado 4: Não, naquele tempo não tinha nada de brincadeira, não... era cabo da enxada

Entrevistador 1: Não podia nem escapulir de vez em quando?

Entrevistado 4: Não(rsrs). Só dia de sábado e domingo... aí sim, mas no meio da semana...

Entrevistador 1: Aí sábado e domingo fazia o que?

Entrevistado 4: Dia de sábado era matação de porco, fazer brote... dia de domingo o pessoal ficava à toa e passeava no (inint 27:30)

Entrevistador 1: Aí tinha culto? Aqui perto, na igreja?

Entrevistado 4: Sim, sim, culto tinha.

Entrevistador 1: Onde que era?

Entrevistado 4: Onde eu fui batizado...

Entrevistado 3: Cabô ela... desmanchou... aqui em baixo

Entrevistador 1: Ela caiu ou o quê?

Entrevistado 4: É porque tinha duas igreja... lá em Tancredo e uma pequeninha aqui em baixo,né, depois o, o... os (inint 28:13), então aqui a vilinha é muito pequeno, então nós combinaram e fizeram uma só.

Entrevistador 1: Ah, entendi.

Entrevistado 4: Tinha cemitério ali, eles (inin 28:28) no cemitério

Entrevistador 1: A outra igreja não tinha cemitério não?

Entrevistado 4: Tinha. Minha mãe, meu pai tá enterrado lá... lá em Tancredo... (inint 28:50)

Entrevistador 1: E quem cuida do cemitério lá hoje?

Entrevistado 4: Acho que é o Soares agora...

Entrevistado 3: Mais é as família que vai lá um pouco, capina

Entrevistador 1: E aí em enterra tanto o católico quanto o luterano?

Entrevistado 3: Nossa religião sim... antigamente, agora não enterra católico não.

Entrevistador 1: Antigamente enterrava junto?

Entrevistado 3: Antigamente talvez enterrava, né,

Entrevistado 4: Não, eu acho que não... lá em Tancredo, onde eu fui criado lá...num... que eu me alembro não foi enterrado assim...

Entrevistador 1: Então cada igreja tinha seu cemitério?

Entrevistado 4: É

Entrevistado 3: A nossa mesma ali, agora só tem os membro da comunidade mesmo, né... que é luterano... e pegou um pouco de missulo de primeira que tem, né... antigamente que tinha os missúri, né... tem uns membro do cemitério aí que é missúri...

Entrevistado 4: Mas a igreja do Missúri já nem tem mais aqui?

Entrevistado 3: Não tem... é lá em Santa Joana... só tem um casal que é missúri que frequentava o cemitério aqui, só...

Entrevistador 1: Quer dizer se tinha missúri aqui também... acabava indo enterrar lá?

Entrevistado 3: É.

Entrevistador 1: ... Deixa eu falar então do brote. De que é feito brote?

Entrevistado 4: De fubá de milho, né... antigamente, naquela época, dava muito cará, né... cará, batata doce, inhame... então, nós lava os cará ou batata... então misturava o fubá e deixava lá um tempo até que escorria e depois botava no forno pra assar.

Entrevistador 1: Então era: cará, batata doce...mandioca também?

Entrevistado 4: Aipim sim... sim

Entrevistador 1: E por acaso tinha de trigo?

Entrevistado 4: Antigamente na época, nós comia pão de trigo só pra natal... pro resto não(rsrs).

Entrevistador 1: Natal e quando mais?

Entrevistado 4: Natal, ano novo, páscoa, espírito santo,né...

Entrevistador 1: Natal, ano novo, páscoa, pentecostes... e ainda sim hoje ces também faz assim?

Entrevistado 3: Agora acabou a tradição, né.

Entrevistador 1: Mas ces comem brote sempre, agora?

Entrevistado 3: Come, a gente come... mas perdeu a tradição, né...

Entrevistado 4: É...

Entrevistador 1: Mas faz de trigo, então?

Entrevistado 3: Fubá e bota farinha de trigo junto.

Entrevistador 1: Banana? Broto de banana?

Entrevistado 3: Também faz... a tradição da pereveca também, né...

Entrevistador 1: Isso é o que?

Entrevistado 3: Pereveca é feita de banana... vai canela, vai amendoim...

Entrevistado 4: Peraí que esse eu não conhecia não

Entrevistador 1: É bolo ou é pão?

Entrevistado 3: Aí enrola ele com banana no meio.

Entrevistador 1: Peraí

Entrevistado 3: Ce assa banana e mói ela, né...

Entrevistador 1: Peraí, peraí... Assa a banana...

Entrevistado 3: Aí mói ela na máquina, né...

Entrevistador 1: Mói.

Entrevistado 3: Mistura cravo, amendoim

Entrevistador 1: cravo, amendoim...que mais?

Entrevistado 3: E a banana, né... aí ce pega, faz aquela massa enrola no pão e

Entrevistador 1: Aí essa massa vai dentro do pão?

Entrevistado 3: Enrolada.

Entrevistador 1: E o pão é o mesmo do brote?

Entrevistado 4: Não, é o pão de farinha de trigo...

Entrevistador 1: É o pão só de trigo?

Entrevistado 3: é.

Entrevistador 1: nossa, deve ficar bom demais(rsrs).

Entrevistado 4: rs.

Entrevistador 1: E bolo?

Entrevistado 3: Bolo faz também.

Entrevistador 1: Mas antigamente não fazia tanto?

Entrevistado 4: Não, só que antigamente todo mundo fazia... quando fazia a festa, assim,né, era o kuchen...

Entrevistador 1: kuchen?

Entrevistado 4: Kuchen.

Entrevistador 1: Como é que era?

Entrevistado 4: Era feito de trigo, né...

Entrevistado 3: É igual bolo, né,

Entrevistado 4: e manteiga, né...

Entrevistado 3: Aí faz o bolo e depois joga aquela camada de açúcar com cravo... é cravo ou canela?

Entrevistado 4: é... (inint 33: 45)

Entrevistador 1: Aí põe canela e açúcar em cima. É isso?

Entrevistado 3: é

Entrevistador 1: E doce? tinha doce de quê?

Entrevistado 4: Antigamente?

Entrevistador 1: Uhum.

Entrevistado 4: Ah... só fazia doce assim.... doce de mamão e banana, né...

Entrevistador 1: pra comer na colher. Ou era no pedaço?

Entrevistado 4: pra passar no pão

Entrevistador 1: Tipo geleia, né?... Bom demais.... e linguiça como é que era feita?

Entrevistado 4: Linguiça? Relava a carne tudo bem fininha...

Entrevistador 1: Metade boi, metade porco?

Entrevistado 4: è... alguns misturavam, né... mas a gente quando matava um boi, botava aquele montão assim, né, botava um pouco de porco também, né...

Entrevistador 1: Mas a maioria da linguiça era de boi, então?

Entrevistado 4: Botava um pouco de sal e óleo, alho...

Entrevistado 3: Pimenta do reino

Entrevistador 1: E depois defumava?

Entrevistador 2: e depois da pimenta do reino põe o que?

Entrevistado 3: O alho, né.

Entrevistador 1: Então põe sal, alho e pimenta do reino. Que mais?

Entrevistado 4: Só.

Entrevistado 3: e aí depois pode ensacar...

Entrevistador 1: E aí depois faz o que?

Entrevistado 3: Aí depois se bota fumaça de baixo... fumçar, né...

Entrevistado 4: pra amadurar né...

Entrevistador 1: E ficava quanto tempo na fumaça?

Entrevistado 3: 20 minutos

Entrevistador 1: Só 20 minutos?

Entrevistado 4: dois dias...

Entrevistador 1: Dois dias?

Entrevistado 4: Pra ela enxugar mais...

Entrevistado 3: Deixa dois, três dias na vara lá, né...

Entrevistador 1: Quantos dias na fumaça?

Entrevistado 4: No máximo dois dias.

Entrevistador 1: E aí depois pra cima do fogão?

Entrevistado 4: Pendurava no fogão. (inint 36:07)... depois cortava e comia

Entrevistador 1: Sem frita, sem nada? Crua?

Entrevistado 4: Crua.

Entrevistador 1: E vocês também tinha porco? Torresmo ou alguma coisa especial?

Entrevistado 4: Naquela época, até hoje em dia faz, quando mata o porco... frita a banha e faz o torresmo né... prañar o torresmo né, pra ficar mais enxuto, né...

Entrevistador 1: Como é que o nome desse torresmo?

Entrevistado 3: Tem a pururuca, né, a pele mesmo... aquela banha, ce mói ela, aquela crosta, passa na máquina, frita ela, depois ce espreme e fica com ele prensado... torresmo fino e faz aquele de pele.

Entrevistador 1: E como é que chama?

Entrevistado 2: Greiben

Entrevistador 1: E esse é qual?

Entrevistado 3: É o prensado.

Entrevistado 4: O prensado é sem graça, né...

Entrevistador 1: O senhor gostou é da gordura, né? he-he-he

Entrevistado 4: he-he-he

Entrevistador 1: E o que tem a pele como que chama?

Entrevistado 4: he-he-he... (inint 37: 54)

Entrevistador 1: Como é que é o nome?

Entrevistado 4: (inint 37: 58)

Entrevistador 1: Nossa senhora!

Entrevistado 4: (inint 37: 58)

Entrevistador 1: Como é que eu escrevo isso?

Entrevistado 3: hahahaha pula agora!

Entrevistador 1: hahaha aí é que são elas, né?

Entrevistado 4: ô aurélio...

Entrevistado 2: Torresmo?

Entrevistador 1: É. Como é que eu escrevo isso?

Entrevistado 4: Greiben

Entrevistado 3: Greiben é o fino, prensado.

Entrevistado 2: Torresmo mesmo é (inint 38: 45)... não é?

Entrevistador 1: E agora, hein?

Entrevistado 4: Tira banha e aquela pele... é (inint 39: 09)...

Entrevistador 1: que é a pururuca

Entrevistado 4: Hoje chama é de pururuca...

Entrevistador 1: Como é que é o nome mesmo?

Entrevistado 4: (inint 39: 25)(rsrs)

Entrevistador 1: hahaha... e o senhor não fala mais pomerano com o pessoal aqui não, né ? O senhor conversa em pomerano ainda?

Entrevistado 4: Converso sim, mas agora tem alguma palavras...

Entrevistador 1: Já perdeu, né?

Entrevistado 4: Tá mudando também, né...

Entrevistador 1: Aham, tá certo.

Entrevistado 4: Que aqui em casa ninguém fala mais, né...

Entrevistador 1: Mas os vizinho ainda falam pomerano?

Entrevistado 4: Alguns fala, mas é bem poucos, né... agora (inint 40:06) ele também fala, né... tema caçula lá... não fala mais nada...

Entrevistador 1: E quando os menino do senhor nasceram, ce colocou eles sentadinho, assim, com a caneta e depois escolheu o que que eles iam ser ou não?

Entrevistado 4: Escolheu o que? a vida?

Entrevistador 1: É, porque a gente ouviu falar de uma senhora que colocava o menino sentadinho assim no chão, e colocava uma caneta, uma bíblia, um dinheiro e colocava uma...

Entrevistador 2: uma enxada?

Entrevistador 1: Não, mas era uma outra coisa.

Entrevistado 4: Mas isso era quando eles faziam um ano, né?

Entrevistador 1: O senhor fez com os meninos do senhor?

Entrevistado 4: Não, hahaha

Entrevistador 1: hahaha

Entrevistado 4: Botava aqueles troço todo, né... pra ver qual é que ele panhá primeiro pra ver, né...

Entrevistador 1: Mas fizeram isso com o senhor quando o senhor era criança? A mãe do senhor fez isso?

Entrevistado 4: Não sei não...

Entrevistador 1: O senhor não lembra, mas contaram pro senhor?

Entrevistado 4: Minha mãe morreu eu tinha cinco anos...

Entrevistador 1: Mas então ce não fiz isso com os meninos do senhor, não?

Entrevistado 4: Não(rsrs)

Entrevistador 1: rs... bom, vamos ver que mais... quando ficava doente, antigamente, levava pra rezar?

Entrevistado 4: Muito, isso sim. Tinha muitos que fazia arega, né,

Entrevistador 1: Aqui em volta quem é que fazia?

Entrevistado 4: Ah... tinha tantas mulher e homem fazia simpatias, né...

Entrevistador 1: E cada um uma coisa?

Entrevistado 4: É... uma vez o menino tava passando mal e lá, levaram pra poder falar o que podia ser e o que não era, pra ver a simpatia... aí ficava bom...

Entrevistador 1: Como é que era o nome de alguma pessoa que fazia isso?

Entrevistado 4: Tinha o Germano Belin

Entrevistador 1: O Germano Belin fazia o quê? Ele fazia espinhela caída... tudo?

Entrevistado 4: É...

Entrevistador 1: Ou tinha alguma coisa que fazia mais?

E: A (inint 42:42) fazia(inint 42:45) ...que a criança parecia com carinha de macaco....

Entrevistador 1: Essa eu não conheço não...

E:Porque a criança ficava tão magra... ela não comia,né,... ficava magra, magra... aí se deixar avançar muito, a criança ficava que nem uma carinha de macaco... normalmente tinha mais isso... então ela fazia, pegava arruda e fermento de casa, assim.... dava três banho na criança... ... e pregava a arruda na água, né, botava fermento lá dentro pra dar banho na criança...

Entrevistador 1: Fazia três vezes?

Entrevistado 4: Por isso que pegava assim, essa... esses problema assim (inint 43:26)... até hoje não trata.

Entrevistador 1: o médico não trata. E aí quem é que reza hoje?

E: Hoje é o filho dela, Zé Bone, ele mora lá em baixo em Santa Júlia. E tem uma outra que morava aqui e ela mudou pra (inint 43:46)

Entrevistador 1: Mas será que lá ela ainda faz?

E: O filho dela faz.

Entrevistador 1: Lá em Colatina?

E: Não, lá em Santa Júlia

Entrevistador 1: E se vocês precisarem hoje?

E: vai lá.

Entrevistador 1: rs...

E: Então esse Germano morreu e ficou a nora dele... a (inint 44:14)

Entrevistador 1: que ainda faz hoje?

E: aí tem uma outra mulher que é morena que morou lá pra dentro do (inint 44:20)... como é que o nome dela?

Entrevistado 3: não sei não...

E: Ah, é uma mulher morena...

Entrevistador 1: E como é que chama a nora desse Germano?

E: Nila

Entrevistador 1: Nila o quê?

E: Nila Polak Belint. B-I -L-I-N-T

Entrevistador 1: E a gente consegue conversar com esse senhor ou com essa senhora?

E: Com essa Nila? Consegue

Entrevistador 1: E esse senhor? É Boner?

E: é o Zé Bone. Ele mora em Santa Júlia (inint 45 12)... só ficou... a mãe dele morreu, ficou aí no lugar... lá em(inint 45 21)...

Entrevistador 1: A gente consegue achar? Se perguntar o povo sabe?

E: Sabe..

Entrevistador 1: é só seguir a estrada descendo, né?

Entrevistado 3: Não tem a agrovila lá... onde começa o acostamento, que tem o colégio? aí ce pega bairro Santa Júlia...

Entrevistador 1: é muito pra dentro?

Entrevistado 3: Dá uns seis, sete quilômetros.

Entrevistado 4: Não... no Zé Bone? dá uns três quilômetro...

Entrevistado 3: de carro deve dar uns 15 minutos, por aí...

Entrevistado 4: não, dá isso tudo não...

Entrevistado 3: acho que dá...

Entrevistador 1: e é fácil de chegar lá?

Entrevistado 3: É na beira da estrada.

Entrevistador 1: E que cor é a casa dele pra gente não passar lá?

Entrevistado 3: tem um curral do lado direito e casa do lado esquerdo

Entrevistador 1: he-he-he

E: Essa outra mulher mora aqui... aqui pertinho

Entrevistador 1: Então essa mulher mora mais perto... então a gente pode ir lá então...

E: É uma casa amarela e as janela são azul...

Entrevistador 1: E aí todo mundo vai lá nela quando precisa de alguma coisa?

Entrevistado 3: Eu tenho uma filha pequena que ...

Entrevistador 1: É? Quando sua menina tá doente que que ela tem que ce leva ela lá?

Entrevistado 3: Quando ela chora... tem espinhela caída

Entrevistador 1: E como é que ce sabe quando ela tem espinhela caída?

Entrevistado 3: É só ver... começa a ficar enjoada aí eu levo lá...

Entrevistador 1: aí resolve. Gostei. Vou lá... ... eu preciso é do telefone docês

Entrevistado 3: 99 78 38 87

Entrevistador 1: Acho que nós vamo lá entao... Muito obrigada, valeu demais a prosa...

Muito obrigada a atenção do senhor, hein?